

A LEITURA DE IDENTIDADE NORDESTINA NO LIVRO DIDÁTICO: UM EXEMPLO DE PRÁTICA EXCLUDENTE DE ENSINO

Cellina Rodrigues Muniz

Professora substituta da Universidade Estadual do Ceará

cellina.muniz@bol.com.br

RESUMO

Este estudo faz algumas considerações sobre uma prática excludente de ensino através da construção discursiva de identidade regional sobre a região Nordeste em atividades de leitura de uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Nordeste; Leitura; Livro didático.

ABSTRACT

This study makes some appreciations about a exclusion teaching through the discursiv construction of regional identity to Brazilian Northeast in exercices of a Portuguese scholastics books collection.

Key words: Northeast; Reading; Scholastic Book.

A LEITURA DE IDENTIDADE NORDESTINA NO LIVRO DIDÁTICO: UM EXEMPLO DE PRÁTICA EXCLUDENTE DE ENSINO

Cellina Rodrigues Muniz

Introdução

Começamos por uma questão aparentemente simples: o que significa “Nordeste”, ou ainda, dizer-se “nordestino”? Inumeráveis sentidos podem ser arrolados a esse respeito porque, acima de tudo, estamos diante de objetos discursivos. Assumindo essa perspectiva, debruçamo-nos sobre modos de construção discursiva de uma identidade regional para o Nordeste brasileiro em livros didáticos, e apresentamos, neste artigo, algumas considerações preliminares a respeito do que se pode chamar *prática excludente de ensino*.

Com o suporte teórico e metodológico das teorias do discurso¹, particularmente através de Foucault², a prática excludente de ensino aqui definida pressupõe a apresentação monológica de um só discurso de representação para a região Nordeste, discurso esse que mantém velhas relações históricas de poder (Centro-Sul *versus* Norte/Nordeste) envolve procedimentos de exclusão, silenciando outros modos de dizer/mostrar a região, e apresenta um só mesmo sentido como natural e real.

Primeiramente, abordamos algumas questões relacionadas aos conceitos de região e identidade regional, através de uma perspectiva discursiva: tomamos como premissa que a identidade regional é fruto de uma construção discursiva mais do que uma verdade essencial; em seguida apresentamos um esboço de análise dessa construção discursiva em dois livros didáticos de uma coleção de Língua Portuguesa de Ensino Fundamental, num caso que ilustra uma prática excludente de ensino.

¹ Principalmente da chamada *Análise do Discurso de Linha Francesa*. Para citar alguns exemplos ilustrativos, remeto o leitor a dois trabalhos: **POSSENTI**, Sírio. “Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas”. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. Volume 3. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005; **COSTA**, Nelson Barros. “O primado da prática: uma quarta época para a Análise do Discurso”. In COSTA, Nelson Barros (org.) *Práticas discursivas, exercícios analíticos*. Campinas: Pontes, 2005.

² Particularmente: **FOUCAULT**, Michel. “A arqueologia do saber”. Tradução de Luís Felipe Baeta Neves. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. **FOUCAULT**, Michel. *A ordem do discurso*. 7ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

1. Nordeste: identidade regional como objeto de discurso

Conforme adiantamos, partimos do pressuposto de que o Nordeste, bem como o nordestino, é, acima de tudo, um objeto discursivo. Aliás, vários. Embora o sertão corresponda a mais da metade do território, o que se convencionou designar Nordeste se constitui de grande diversidade geográfica, composta por litoral e zona da mata, agreste e também Meio-Norte, o que implica uma pluralidade de aspectos relativos a clima, vegetação, atividades econômicas e hábitos culturais. Mas quando afirmamos o aspecto discursivo da constituição do Nordeste, admitimos que, mais que um dado *a priori*, esse objeto se constrói incessantemente ao longo de inúmeras práticas e se encontra disperso em diversos e descontínuos enunciados³.

Como diria Foucault (1995), os objetos discursivos – aquilo sobre o que se diz, numa certa conjuntura, sob o propósito de determinados efeitos de sentido – atravessam uma heterogeneidade de enunciados que permeiam diferentes épocas, espaços institucionais e sujeitos. Entretanto, em meio a toda essa dispersão, pode-se constatar uma certa unidade: é que através desses diversos e descontínuos enunciados ditos ao longo da história, os objetos discursivos constituem grandes sistemas – ou formações discursivas ou simplesmente discursos – pela regularidade junto a outras categorias: através de determinadas práticas sociais e relações de poder, os objetos de discursos são revestidos de diferentes *conceitos* (avaliações, juízos de valor), ditos através de diferentes *modalidades enunciativas* e utilizam determinadas *estratégias* para sua enunciação.

Assim, segundo Foucault, o que se destaca na definição de objeto discursivo não se refere a uma imanência *per se*, mas sim a um conjunto de relações traçadas historicamente entre instituições, processos econômicos e sociais, técnicas, tipos de classificação e modos de caracterização que permitem a definição desse objeto num campo de exterioridade. Além da regularidade que pode caracterizar uma formação discursiva (objeto, conceito, modalidades enunciativas e estratégias temáticas), conforme assinala o autor (Foucault, 1995, p. 51), *não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época*, ou seja, todo e qualquer discurso segue um conjunto de coerções ditadas historicamente.

Ainda de acordo com Foucault (2001), essa coerção se realiza através de procedimentos que operam o controle, seleção, organização e redistribuição dos discursos. Tais procedimentos podem ser da ordem interna do próprio discurso (o comentário, a função de autoria, a

³ Sobre o Nordeste como região construída a partir de diferentes discursos regionalistas ver **ALBUQUERQUE Jr.**, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001. Ou ainda, sobre os diferentes registros catalogados sobre o Nordeste no campo da mídia, ver **MAMEDE**, Maria Amélia. *A construção do Nordeste pela Mídia*. Fortaleza: IOCE, 1996. (Coleção Teses Cearenses).

organização de disciplinas) ou relacionados à seleção dos sujeitos do discurso (os rituais, as sociedades específicas, as doutrinas e a apropriação de saberes); mas os procedimentos em que o autor mais se detém, e que também são alvo de nossa atenção, são aqueles cuja pressão se exerce dos campos institucionais, designados de *procedimentos de exclusão*: são os mecanismos de controle dos discursos que determinam externamente o que se pode ou não dizer em dada conjuntura: a interdição, a rejeição e a vontade de verdade.

Desse modo, como qualquer outro objeto de discurso, a “identidade nordestina” se apresenta não como resultado de uma simples relação natural e absoluta entre linguagem e mundo, como a imagem fiel da realidade refletida num espelho, segundo as pretensões imanentistas de teorias essencialistas, mas sim como um discurso, construído a partir de um bojo heterogêneo de práticas sociais e culturais e que têm seu funcionamento a partir das condições de sua enunciação, condições estas que determinam, através de mecanismos disciplinares, o que pode ou não ser dito. O que interessa, portanto, é buscar as *regularidades discursivas*, determinadas a partir das relações de poder implicadas em condições amplas e específicas de enunciação, e os *procedimentos de controle*, que operam a seleção e organização do que se pode dizer/mostrar sobre o Nordeste, em determinado contexto, bem como o que se exclui de dizer/mostrar. Logo, dizer-se nordestino não é dizer necessariamente a verdade sobre o Nordeste, mas sim assumir uma posição enunciativa que remete a um determinado discurso sobre a região. Ou ainda, como propõe Zaidan Filho:

...a região não é uma positividade geográfica, mas, ao contrário, um produto sociocultural das disparidades geográficas no processo de desenvolvimento capitalista (...) obra de publicistas, pensadores, produtores culturais e lideranças políticas na construção simbólico-cultural da “região” ou da “identidade regional”. (Zaidan Filho, 2001, p.43)

Essa construção simbólico-cultural, através desses mecanismos de controle e em seus múltiplos modos de representação (oficiais e marginais), incide sobre cada indivíduo com o peso de uma totalidade absoluta. Hall (2002, pp. 50-51) também concebe a idéia de identidade como um discurso constituído de sentidos com os quais é possível que os indivíduos se identifiquem ou não. O autor trata da identidade nacional (pertinente também para o caso das identidades regionais) como uma “comunidade imaginada”, construída por histórias, memórias e imagens que são legitimadas pelo poder da tradição, através de instituições e organismos hegemônicos numa certa ordem, e que se apresentam como um todo unificado, também representado como único. Assim é que o autor afirma que

...não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional (e regional) busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (ou regional). (Hall, op. cit., p. 59)

A representação homogênea de uma identidade nordestina se observa, por exemplo, na predominância de um objeto discursivo no discurso regionalista dominante sobre o Nordeste: a seca no sertão. Esse discurso, além de restringir a região ao território sertanejo, também é pautado numa visão negativa. Conforme salienta Castro (2001), há uma unificação de discursos sobre a natureza semi-árida e a seca, unificação essa que fundamenta um discurso hegemônico sobre a região, em que se apresenta a dualidade natureza *versus* sociedade. Nesse discurso, *a natureza semi-árida é o sujeito, e a sociedade, seu objeto, instituindo a perspectiva de uma sociedade vitimada por seu meio* (Castro, op. cit., p. 105). Esse olhar homogêneo e pejorativo sobre o Nordeste-Sertão tem sua constituição a partir de trajetos interdiscursivos (Maingueneau, 1997, p.120)⁴ que remontam ao processo de colonização (em que se comparava a economia do sertão em oposição ao litoral açucareiro) e são retomados no início do século XX, por exemplo, em trabalhos de historiadores como Caio Prado Jr., Raymundo Faoro e Sérgio Buarque de Holanda (cf. Castro, op. cit., pp.110-117).

Essa retomada pode ser compreendida como pertencendo ao que Albuquerque Jr. (2001) chama *discurso regionalista de inferioridade*. Trata-se de um modo de dizer/mostrar a região que resulta do embate de forças entre um regionalismo de superioridade e um regionalismo de inferioridade, numa dualidade evidenciada a partir da delimitação geopolítica do Nordeste como região, nos anos de 1920: de um lado, o referencial espacial centrado especificamente em São Paulo, “de ascendência branca e européia, berço da civilização, modernidade e progresso”, que, através da sua economia cafeeira, passa a exercer importante papel nas decisões políticas do país, com o declínio da economia açucareira da região Nordeste, outro lado, visto pela alteridade Centro-Sul do país através de tipos sociais cristalizados e avaliados como “inferiores”. Assim,

...a escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, para temas definidores do Nordeste, se faz em meio a uma multiplicidade de outros fatos (...). A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida por interesses em jogo (...). A questão da identidade nacional põe, na ordem do dia, a questão das diferentes

⁴ Na proposta de Maingueneau, as formações discursivas se caracterizam fundamentalmente pela interdiscursividade, ou seja, *um discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos*. As formações discursivas apresentam assim fronteiras instáveis e abertas a novas reformulações, reorganizadas em função das condições históricas e pragmáticas de produção.

identidades regionais no país, que deviam ser destruídas para uns e reafirmadas para outros... (Albuquerque Jr., op. cit., p. 49)

Retomando o conceito de objeto discursivo em Foucault, ressalte-se que esses mesmos elementos não estão necessariamente restritos a um discurso regionalista de inferioridade. A questão é que eles *impõem-se como verdades pela repetição* e essa mesma repetição gera uma homogeneidade nos modos de dizer/mostrar a região, construindo uma identidade com as quais os próprios sujeitos ditos nordestinos podem não se identificar.

Mostraremos, a seguir, como, em pleno século XXI, esse discurso de inferioridade pode ainda ser retomado no contexto da sala de aula através do livro didático. O Nordeste é “lido” através da repetição do tema da seca, associada a flagelo natural, e da “dualidade natureza *versus* sociedade”. Ilustraremos, com livros de uma coleção de Língua Portuguesa de nível Fundamental, como a identidade regional pode ser produto de uma construção discursiva autoritária de uma prática excludente de ensino.

2. Identidade regional e prática excludente no livro didático de Língua Portuguesa

A discussão em torno do livro didático (LD) há muito tempo ocupa espaço nos meios legislativos e acadêmicos, onde muitos trabalhos já foram realizados, sob diferentes perspectivas.⁵ Para além de posições extremas, que ora vêem o livro escolar como instrumento imprescindível de auxílio ao professor, ora como aparelho centralizador e reproduzidor de ideologias, não nos cabe, pelo menos a princípio, condenar ou defender o LD. Muitas questões estão envolvidas. É certo que há aspectos, como a padronização (gerando homogeneidade e repetição de conteúdos) e o recorte que faz do mundo, que podem impor sentidos e muitas vezes silenciar as contradições materiais de uma sociedade de classes. Não pretendemos aqui estabelecer nenhum juízo, apenas reconhecer sua importância e problemática, pois, para além das divergências, o fato é que o LD, desde o início do processo de massificação do ensino nos anos 60 do século passado, ainda é o principal recurso organizador das atividades escolares, o que sugere inúmeras possibilidades de investigação para a pesquisa em Educação.

⁵ Para citar alguns trabalhos, remeto o leitor a obras como **FARIA**, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no livro didático*. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1986; **FREITAG**, Bárbara *et alli*. *O livro didático em questão*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1989; **RUS PEREZ**, José Robert o. *Lição de Português: tradição e modernidade no livro escolar*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. Ver também, a respeito da negação do outro (sentido e/ou sujeito) em atividades escolares de livros de Língua Portuguesa: **MENDONÇA**, Marina Célia. “Língua e ensino: políticas de fechamento”. In **MUSSALIN**, Fernanda e **BENTES**, Anna Christina (orgs.) *Introdução à lingüística*. Volume 2. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Sabe-se que os usos da linguagem são a primeira instância em que, a partir das interações sociais e verbais, (re)constroem-se valores e (pre)conceitos, como por exemplo os estereótipos relativos a categorias como classe, credo, gênero, etnia, região etc. A disciplina de Língua Portuguesa (LP), pelo menos no que postula os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), pretende ser o espaço de reflexão sobre esses usos, partindo de uma perspectiva que concebe a língua não como um código abstrato de representação e sim constituída pelo fenômeno social da interação verbal (Bakhtin, op. cit., p. 123). Mas eis que partindo dessa concepção sócio-interacional de linguagem, assumida por esse documento, surge um problema:

Considerando um dos objetivos de ensino, segundo os mesmos PCN (op.cit., p. 28), de se trabalhar o tema transversal da chamada “pluralidade cultural”, considerando também que os sujeitos autores de livros escolares não necessariamente (ou quase nunca?) são do Nordeste, e considerando finalmente que o livro didático não pode, obviamente, trabalhar com toda a totalidade de textos que tratam do Nordeste, realizando então necessariamente um recorte de modos de dizer/mostrar a região, como o LD de Língua Portuguesa diz o Nordeste? Em outras palavras, como o LD se posiciona diante desse tema transversal (exigência de atualidade no mercado editorial) e mostra/diz, assim, uma “identidade regional” para o Nordeste e os nordestinos, nos gêneros textuais selecionados e nas atividades de leitura e produção de textos?

Em outras palavras, a representação de uma identidade nordestina no LD de LP realmente leva em conta uma diversidade de modos de dizer/mostrar a região ou exclui outros discursos identitários sobre a região, reproduzindo um só discurso como verdade única e natural e negando a heterogeneidade do sujeito e da linguagem?

Para ilustrar como essa imposição de um só modo de dizer/mostrar a região pode se dar, sub-repticiamente, no ensino de LP, ilustramos com dois livros – de 5ª e 8ª séries – de uma coleção de grande circulação.⁶

Nesses dois livros, encontramos capítulos cujos títulos por si só já indicam uma filiação exclusiva (e excludente) a um discurso regionalista de inferioridade ao tratar – direta e indiretamente – da região Nordeste: *Uma dura realidade* (5ª série) e *Penando aqui na terra* (8ª série).

No exemplar direcionado à 5ª série, o Nordeste aparece como objeto discursivo na Unidade 3 (“Cenas do dia-a-dia”), em capítulo intitulado “Uma dura realidade”. Como já dissemos, além dessa adjetivação que já antecipa uma representação pejorativa para a região, observa-se que a própria organização material da Unidade também reflete a filiação a um modo de dizer/mostrar a região, que se baseia na distinção entre o Centro-Sul e o Norte/Nordeste do país – de um lado, o

⁶ TERRA, Ernani e CAVALLETE, Flávia. *Português para todos: 5ª série e Português para todos: 8ª série*, São Paulo: Scipione, 2002.

referencial espacial marcado pela urbanização e industrialização, através de imagens e textos que se referem a São Paulo e Rio de Janeiro, no capítulo 9 (“Vida nas cidades”), de outro, as paisagens sertanejas marcadas pela seca, no capítulo 10 (ver **Anexo 1**).

Através das fotografias e ilustrações que mostram uma só paisagem e com a seleção específica desses textos, o livro em questão constrói uma identidade nordestina que remete a um só discurso, que chamamos aqui, em referência ao já citado Albuquerque Jr. (2001), de *regionalismo de inferioridade*.

A presença dos textos de gênero mapa, escolhidos como recurso de pré-leitura, mais do que propiciar uma atividade escolar de interdisciplinaridade, conforme a justificativa do próprio livro no manual do professor, recorre à positividade geopolítica como argumento que introduza a diferenciação entre as regiões e valide a “verdade” que propõe, como discurso escolar (ver **Anexo 2**).

Já o primeiro texto para leitura, *Seca verde*, publicado originalmente em 2001, na Internet (Istoé *on-line*), noticia previsões sobre a estiagem que teria afetado, segundo o próprio texto, 600 municípios de vários estados nordestinos. Esse texto, como é peculiar ao gênero jornalístico, apresenta características que pretendem um efeito de verdade, como a narrativa em terceira pessoa e o uso de dados estatísticos, a fim de demonstrar uma suposta imparcialidade. Associado a isso, destacam-se as marcas que o filiam a um discurso de regionalismo de inferioridade, pautado na velha vitimização diante da falta de chuvas e na distinção entre natureza e sociedade, através da colocação do termo “seca” como uma entidade abstrata, um mal natural que “aflige” e “prejudica”, diante do qual as populações nordestinas ficam passivas, o que silencia outros temas como, por exemplo, a responsabilidade dos agentes políticos e administrativos na questão ou, ainda, formas alternativas de convivência das comunidades locais com o clima semi-árido.

O segundo texto para leitura apresenta um posicionamento monológico mais explícito ainda. Em artigo assinado por Fernando Bonassi, articulista do jornal Folha de São Paulo, o próprio título também já indica o pressuposto de que a condição de vida no Nordeste é ruim: *Quem está pior merece o melhor*. O artigo apresenta ainda outras marcas que indicam um discurso de regionalismo de inferioridade, como o seguinte enunciado: *O Nordeste já é um lugar pobre e, quando a natureza fica desse jeito, os nordestinos sofrem mais ainda*. Podemos ver aí que o verbo ser (*está/é*) no presente do indicativo confere um estatuto certeza na adjetivação do lugar (“pior”/“pobre”). O uso de advérbios (já, mais ainda) opera também uma argumentação que indica a conclusão de que necessariamente (n)o Nordeste (se) sofre (ver **Anexo 3**).

No final do capítulo, em seção intitulada “Diário de Bordo”, conforme o livro, “espaço para registro pessoal do aluno sobre o tema”, são apresentadas algumas questões, entre as quais se destaca a seguinte: *O problema daqueles que sofrem com as secas sensibilizou você?* Ao tratar

da “seca” (novamente avaliada como “problema”, em abstrato), pressupõe-se que o público-alvo desse livro não seja um habitante do semi-árido, através da oposição “aqueles” *versus* “você”. Além do mais, o uso dos verbos “sensibilizar” e “sofrer” sugere uma resposta fechada (sim/não), diferentemente de, por exemplo, “O que você acha da questão da seca?”, sugerindo também a mesma identificação da região e sua população como vítima, digna de sensibilização, para não dizer piedade cristã. Isso é reiterado com a escolha do texto para ilustrar um projeto de exposição oral, no final da Unidade: trata-se da canção *Último pau-de-arara*, que remete à mesma formação discursiva, identificando o sujeito nordestino como sertanejo e retirante em potencial.

No livro de 8ª série da mesma coleção, novamente o Nordeste é retratado de modo homogeneizado e inferiorizado. A referência à região aparece no terceiro capítulo da primeira unidade, nomeado *Penando aqui na terra*: esse título não só faz alusão a uma canção de um cantor nordestino, mas se ancora, sutilmente, no tema do messianismo sertanejo, e indica, explicitamente, uma condição de penar (sofrer) para os nordestinos, associados a tipos sociais já cristalizados (penitentes, beatos etc.).

Neste capítulo, a referência direta ou indireta ao Nordeste se dá através de textos que novamente se restringem a encenar uma paisagem sertaneja através do tema da seca: a canção *Procissão*, de Gilberto Gil; um trecho do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; A “*indústria da seca*” no Nordeste, artigo extraído da Internet, e trecho da canção *Vozes da Seca*, de Luís Gonzaga. As ilustrações que se referem ao Nordeste nesse capítulo, especialmente as fotografias com suas legendas, também remetem às mesmas cenas (ver **Anexo 4**).

Tal como no outro livro, a seleção desses textos e dessas imagens em específico realiza um recorte do Nordeste como região pobre e sofredora, em que os nordestinos são nomeados necessariamente como “retirantes” e “infelizes” (ver **Anexo 5**). Além disso, a seca é apresentada como uma entidade abstrata, por si só responsável pelo quadro de pobreza na região. Embora a presença do texto *A “indústria da seca” no Nordeste* permita uma abertura para outros sentidos (como a discussão sobre o histórico uso particular de verbas públicas destinadas originalmente a medidas emergenciais), isso se dá de forma muito superficial e rasteira, sendo assunto pouco explorado nas questões de compreensão leitora que se seguem⁷, negando-se, assim, a responsabilidade da estrutura política e econômica das sociedades de classes e da injusta e desigual distribuição de riquezas no quadro de pobreza da região.

Note-se, ainda, que a escolha de um trecho específico do livro *Vidas Secas*, selecionado para ilustrar os conceitos sintáticos de período simples e composto, escamoteia essa imagem que se constrói sobre o sertanejo/nordestino, através de exercícios de pura nomenclatura e classificação gramatical (ver **Anexo 5**).

⁷ TERRA, Ernani e CAVALLETE, Floriana. **Português para todos: 8ª série**. São Paulo: Scipione, 2002. Página 52.

Considerações Finais

Observamos com esse estudo como a construção de uma identidade regional para o Nordeste no livro didático de Língua Portuguesa pode se basear numa prática excludente, por se operar através da filiação a um só discurso, um *discurso de regionalismo de inferioridade*, caracterizado pela regularidade com que apresenta objeto e conceito discursivos: Nordeste e nordestino são conceituados como região e povo sofredor e miserável.

Além disso, esse discurso que constrói uma identidade nordestina no LD de LP tem seu funcionamento a partir de procedimentos de exclusão como 1) a distinção entre natureza e sociedade; 2) a representação da região exclusivamente como sertão; 3) a colocação da seca como problema de ordem exclusivamente climática, mais do que fenômeno sócio-econômico e que atua como um flagelo natural, sendo o único fator responsável pela pobreza na região, onde as populações sofrem, passivamente; 4) o silenciamento sobre a atuação de agentes políticos em relação ao quadro de estiagem (ausência ou tomada de medidas de convivência com a estiagem) e as formas de convivência e resistência das populações sertanejas com o quadro de estiagem, as potencialidades da região, bem como os aspectos simbólicos e imaginários da cultura do semi-árido.

Mas o procedimento de exclusão de maior violência simbólica nos parece ser a destituição do habitante do Nordeste e do sertão do estatuto de aluno-público desses livros, através do desconhecimento e silenciamento de múltiplos temas que poderiam ser ditos a respeito da vida nessa região.

Assim, podemos dizer que a construção discursiva de identidade nordestina nesses livros escolares implica uma prática de ensino excludente, porque exclui outros modos de dizer/mostrar o Nordeste e exclui o próprio sujeito nordestino do lugar de aluno. Excludente, porque se fecha num só discurso identitário sobre o Nordeste e repete assim velhos clichês sectários sobre a região.

O discurso escolar sobre o Nordeste, nesse caso analisado, ao conferir uma identidade baseada na unicidade e homogeneidade, demonstra estar integrado a velhas metanarrativas cartesianas de descrição e categorização do mundo, que negam o paradoxal e o contraditório, pois, se o Nordeste é uma região pobre e miserável, também possui inúmeras manifestações de riqueza e beleza cultural e econômica. O lema da *diversidade* de textos proposto pelos PCN e alardeado como critério de análise de livros didáticos não deve se restringir à questão de gêneros e tipos textuais (Rangel, 2005, p.19), mas também às visões de mundo e representações de identidade, incluindo aí as de identidade regional, para além dos chavões estratégicos que argumentam uma suposta atualidade teórico-metodológica para êxito no mercado editorial.

ANEXOS

TÍTULOS: UNIDADE/CAPÍTULO/TEXTOS	GÊNEROS TEXTUAIS	SUPORTE ORIGINAL	ILUSTRAÇÕES
Unidade 3: Cenas do dia-a-dia Cap. 10: Uma dura realidade		Pré-leitura: <i>Geografia e participação. Volume 2 / Moderno Atlas Geográfico</i>	
Textos de Pré-leitura: Brasil: regiões; Brasil: divisão política; Texto 1: Seca Verde; Texto 2: Quem está pior merece o melhor; Texto para Projeto (Final da Unidade): Último pau-de-arara .	Mapa; Notícia; Artigo de Opinião; Canção.	Texto 1: <i>Isto é on-line</i> Texto 2: <i>Folha de São Paulo</i> Projeto: www.fagner.com.br	Foto 1: <i>Sertão da Paraíba (1999);</i> Foto 2: <i>Açude seco em Soledade, no sertão da Paraíba (1998);</i> Foto 3: <i>Leito de rio seco (Ceará, 2001);</i> Foto 4: Trecho da rodovia BR-116 entre Fortaleza e Boqueirão do Cesário (CE). Há também desenhos que ilustram paisagens com sol escaldante e solo rachado.

Anexo 1: Descrição geral do capítulo sobre o Nordeste em livro de 5^a série.

Capítulo 10

Uma dura realidade



BRASIL: Regiões

LEGENDA

- Região Norte
- Região Centro-Oeste
- Região Nordeste
- Região Sudeste
- Região Sul



BRASIL: Divisão política

PARA COMEÇO DE CONVERSA

1. No mapa ❶, as cores foram utilizadas para indicar o quê? Troque idéias com os colegas.
2. No mapa ❷, a região Nordeste está destacada com que cor? Como você identificou isso?
3. No mapa ❷, o estado em que você mora está indicado com que cor?
4. Ainda no mapa ❷, descubra onde se encontram os seguintes estados: Ceará, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Minas Gerais e Espírito Santo. Conte para a turma com que cor cada um está destacado.
5. Observando os mapas ❶ e ❷, diga em que região ficam os seguintes estados: Ceará, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Minas Gerais e Espírito Santo.

Anexo 2: Textos e questões para pré-leitura em livro de 5ª-série.

Hora do texto

Quem está pior merece o melhor

A natureza é um troço legal, com arvoredos, cachoeiras, bichos e pessoas. Mas também é bem maluca.

Há lugares frios, onde até o xixi congela. E há aqueles tão quentes que até o chocolate derrete na sandália!

O Nordeste do Brasil é um dos lugares mais quentes que existem!

Só se acha água se espremer bem as folhas ou os ramos das plantas ou então cavando poços bem fundos.

Lá chove pouco e, quando chove, é uma festa!

Agora está acontecendo por lá a maior seca! O chão rachou, as plantas e os bichos morrem, e a vida de quem mora lá fica muito difícil.

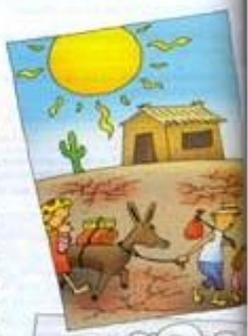
O Nordeste já é um lugar pobre e, quando a natureza fica desse jeito, os nordestinos sofrem mais ainda. Há gente que morre de fome e tédio!

Eu nunca passei fome muito tempo, só assim, quando eu me atraso para o almoço ou para jantar. E já é bom ruim...

Acho que ficar vários dias sem comer, como muitos nordestinos ficam, deve ser a coisa mais horrível do mundo. Como eles moram num lugar onde existe muita seca, eu acho que o governo tinha de dar do bom e do melhor para eles antes de dar para quem mora nos lugares em que a natureza é mais amiga. Quem está pior merece mais. É isso o que eu acho.

— JOURNAL, Fernando, Folha de S. Paulo, 16 maio 1998, p. 5-A.1

162




Anexo 3: Texto para leitura em livro de 5ª série.

TÍTULOS: UNIDADE/CAPÍTULO /TEXTOS	GÊNEROS TEXTUAIS	SUPORTE ORIGINAL	ILUSTRAÇÕES
Unidade 1: <i>O homem e o planeta</i> Capítulo 3: <i>Penando aqui na terra</i>	Canção; Artigo de opinião; Romance	www.gilbertogil.com.br www.klickeducacao.com.br	
Texto 1 para leitura: <i>Procissão</i> ; Texto para atividade de análise gramatical: <i>Vidas Secas</i> (fragmento); Texto 2 para leitura: <i>A "indústria da seca" no Nordeste</i> ;		Livro (Ed. Record, 2000) Sem referência	Foto 1: <i>Muitas famílias sofrem com a seca no Sertão (Pilãozinho, PI)</i> ; Foto 2: <i>Açude seco (PB)</i> ; Foto 3: Sem legenda, acompanha texto 2 e mostra um vaqueiro diante de um animal morto. Além dessas fotografias, há ainda o desenho da capa do livro "Vidas Secas" e a pintura "Retirantes", de Cândido Portinari, com a seguinte legenda: <i>...já retratava em 1944 o sofrimento das pessoas que tinham de deixar sua terra em decorrência da miséria gerada pela seca.</i>

Anexo 4: Descrição geral do capítulo sobre o Nordeste em livro de 8ª série.

3. Você já aprendeu que certos verbos transitivos podem apresentar no dicionário complementos: objeto direto e objeto indireto.

Nos versos "E Jesus prometeu vida melhor/ Pra quem vive nesse mundo sem amor", o verbo **prometeu** apresenta dois complementos: **vida melhor** (objeto direto) e **pra quem vive nesse mundo sem amor** (objeto indireto). O objeto direto indica a coisa prometida (vida melhor). O que o objeto indireto indica? Escreva sua resposta no caderno.

4. No verso "Eles vivem pensando aqui na terra", o advérbio **aqui** e o substantivo **terra** estão em oposição a outro advérbio e a outro substantivo do texto. Indique-os em seu caderno.

5. Você deve ter observado que no texto aparecem vários verbos no gerúndio (**passado, amastando, cantando, escutando, pensando, esperando**). O gerúndio é uma forma nominal do verbo, que desempenha função semelhante à dos adjetivos e advérbios. Copie os versos do quadro abaixo no caderno, indicando se o gerúndio está desempenhando função semelhante à do adjetivo ou à do advérbio.

a) "As mulheres cantando trairam versos"
b) "Os homens escutando tiram o chapéu"
c) "Eles vivem pensando aqui na terra"
d) "Se amastando que neto cubra pelo chulo"

Para além do texto

A música é uma forma de manifestação artística que, além de entreter, serve para mostrar diferentes contextos sociais.

Em *Procissão*, Gilberto Gil nos mostra a situação de miséria e abandono em que o sertão se encontra, devida, em grande parte, a pessoas que prometem muita coisa mas pouco realizam.

Converse com seus pais e familiares e pergunte a eles se conhecem outras músicas (ou outros tipos de manifestação artística) que mostrem situações sociais e seus conflitos. Procure, então, conhecê-las, atentando para esse aspecto. Depois, relate-as com os colegas em sala de aula.



Muitas famílias sofrem com a seca no Sertão (Pilãozinho, PI).

47

Atividades

1. Leia os versos a seguir e responda no caderno o que se pede.

"Mes sertão continua ai disse-lhei
Mas se existe Jesus no firmamento
Cá na terra isto tem que se acabar"

a) Que tipo de relação é estabelecida pela conjunção **mas**?
b) Que outra conjunção poderia ocupar o lugar de **mas** sem alterar o sentido do texto?

2. Nos quadros que seguem, ocorrem duas frases isoladas. Leia o exemplo abaixo e, em seu caderno, estabeleça entre elas uma relação de **coordenação**, indicando o tipo de relação, faça as modificações que julgar necessárias.

Muita gente se arvora a ser Deus. Muita gente promete tanta coisa pro sertão.
Relacionando: Muita gente se arvora a ser Deus e promete tanta coisa pro sertão.
Tipo de relação: adição

a) Ele prometeu um sertão para Maria. Ele não cumpriu a promessa.
b) As pessoas acompanham a procissão. As pessoas acreditam nas coisas lá do céu.
c) Vi na frente. Irei depois...
d) Preste atenção. Trata-se de um assunto muito importante.

3. Leia:

"Os infelizes tinham
carneludo o dia inteiro,
estavam cansados e famintos.
Ordinariamente andavam
povos, mas haviam
repostado bastante no
...ano do rio seco,
...o viajante
progredia bem
nos iguares"

Cláudio Ramos. *Pólo seco*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 1.



Transcreva no caderno as frases coordenadas do período acima, classificando-as.

51

Anexo 5: Livro de 8ª série: a seleção de imagens e textos, além de mostrar o nordestino como sofredor, também mascara as causas da pobreza na região, atribuindo à seca, em abstrato, a responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN**, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Vieira. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRASIL**, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: 1997.
- CASTRO**, Iná Elias de. “Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste”. In ROSENDAHL, Zeny et CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001
- HALL**, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MAINGUENEAU**, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3ª ed. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1997.
- RANGEL**, Egon. “Livro didático de Língua Portuguesa: o retorno do recalcado”. In DIONISIO, Maria Ângela Paiva (org.) *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ZAIDAN FILHO**, Michel. *O fim do Nordeste e outros mitos*. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa época)